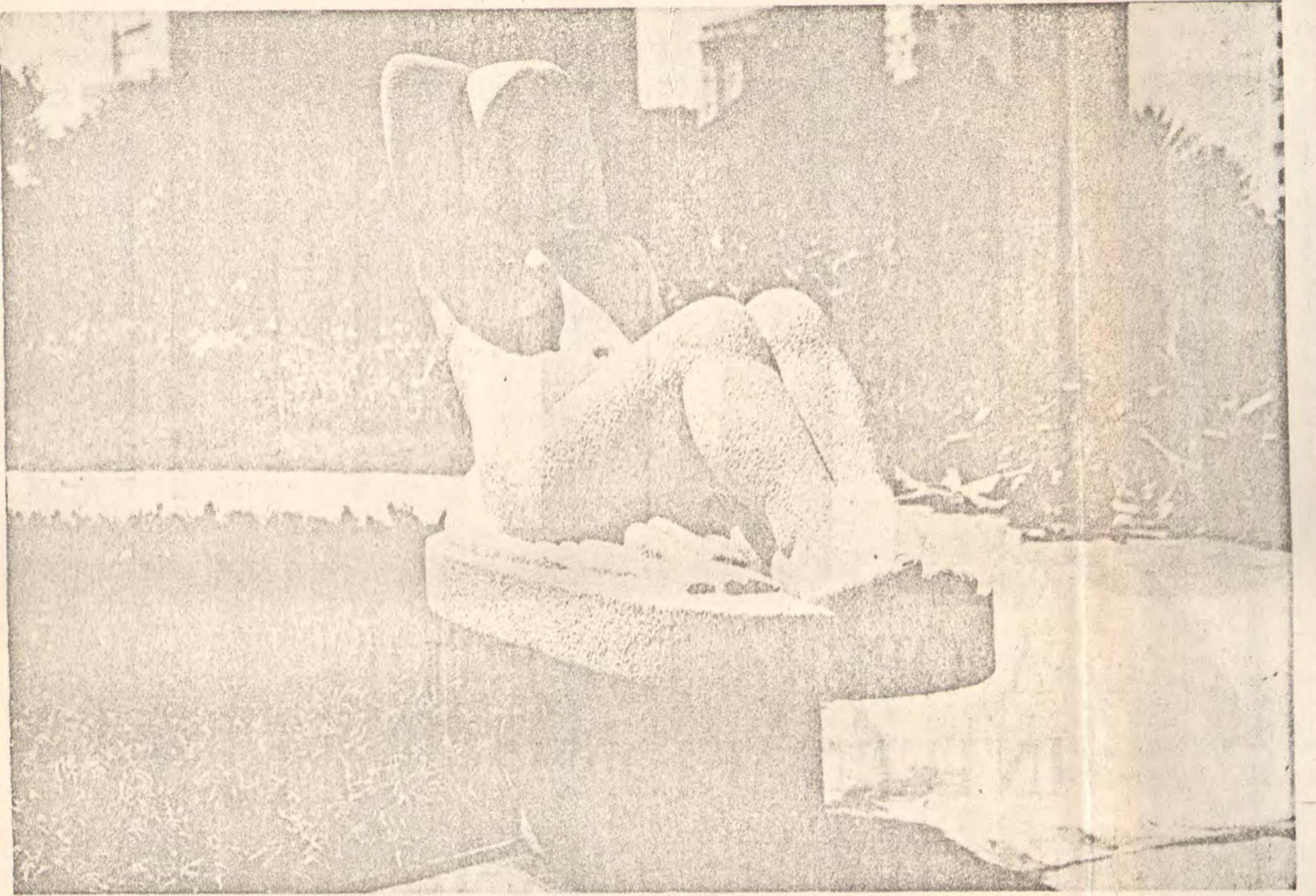


Artes Plásticas



Celso Antônio / *Moça Reclinada*
/ granito picotado
(originalmente, no jardim suspenso do Palácio da Cultura)

A PRAÇA É DA ESCULTURA

Roberto Pontual

EM frente aos 3,10m de altura do São Francisco de Assis, de Humberto Cozzo, a babá imita divertidamente o movimento estilizado dos braços que o bronze fixou para sempre. Distante dali, o casal de velhinhos separa-se um momento e penetra, cada qual por seu turno, no imponente Espaço Circular aberto no meio das chapas quadradas de aço de Franz Weissmann. Noutro canto, o operário em construção observa atentamente a estrutura em diagonal, armada também com laminas de aço, do mesmo Weissmann — e é provável que esteja pensando no seu esplêndido acordo de peso e equilíbrio. Perto, as crianças se revezam de maneira a não permitir que pare o giro da compacta, mas leve forma branca em mármore, de Sérgio de Camargo, já suja de tantas mãos a tocando. Entre o sério e o risonho, duas estudantes, de livros debaixo do braço, comentam a generosidade do corpo em granito dessa *Moça Reclinada* que Celso Antônio esculpiu faz tempo — e lembram que na pré-história havia umas figuras femininas, de pedra ou de barro, aliada mais largas. Muita gente leva na mão um catálogo, sob forma de tablóide, ou o folheto. E, de vez em quando, na boca das pessoas mais diferentes, surge a clássica dúvida: mas o que quer dizer isto?

Para quem não esteja prevenido, a cena pode primeiro causar espanto: a Praça Nossa Senhora da Paz, em pleno coração de Ipanema, foi temporariamente ocupada por esculturas de todos os tamanhos, gêneros e materiais. Durante o mês inteiro de julho — numa promoção conjunta de *O Globo*, Funarte e Sul América Seguros, com assessoria artística do crítico Jayme Maurício — aquele amplo espaço de passagem ou lazer vive um inesperado ar de festa, que os inúmeros novos focos de luz à noite intensificam. Onde antes se deparava apenas, bem no centro, com o monolítico monumento a Pinheiro Machado, de Hildegardo Leão Velloso — único elemento escultórico povoando a Praça — a presença atual de outras quase 50 peças, embora nenhuma delas tão vasta em dimensão e volume, interrompe a norma cotidiana do local, tal como ocorre com a chegada da feira livre, a cada sexta-feira, ou, uma vez por ano, com a fileira de barracas dispostas para a Feira do Livro. E são pouquíssimos os que não reagem, deste ou daquele modo, à novidade de agora. A praça se anima e reforça o seu encanto de oásis. Nela se oferece, indistintamente, a semente de um saudável exercício de educação do olhar e da sensibilidade.

Quanto a esse aspecto inicial de ruptura, animação e aprendizado, portanto, o evento justifica-se em si mesmo, mais ainda pela carência crônica de formas escultóricas preenchendo até hoje os nossos espaços urbanos. É verdade que as coisas começam a melhorar nos últimos tempos — e o exemplo evidente disto está na atitude da municipalidade de São Paulo, que, no ano passado, contratou um bom número de escultores brasileiros para executarem trabalhos destinados à nova Praça da Sé. Continuamos, porém, muito longe do nível adequado neste sentido, desprezando quase sempre a oportunidade de estabelecer um contato direto da obra de arte com a multidão no aberto espaço urbano. No Rio, o que se vem acrescentando de escultura ao ar livre consiste, na absoluta maioria dos casos, dessas duvidosas peças em alumínio, bronze ou pedra adquiridas pelos afluentes condomínios dos espigões da Zona Sul — um mostruário típico



Franz Weissmann / *Conjugação*
/ alumínio / 1972



Bruno Giorgi / *Quimera*
/ ferro / 1966 (em frente à sede da Editora Bloch, no Rio)



Francisco Stockinger / *Cavaleiro*
/ ferro e madeira / 1971

das muitas facetas do kitsch em que se compraz o gosto novo-rico da classe média. Fora daí, praticamente nada em termos escultóricos.

No entanto, se é inegável esse primeiro mérito de ocupação da Praça Nossa Senhora da Paz com obras de 34 dos nossos escultores atuantes no século XX, o benefício ocorre com falhas impossíveis de ocultar. Primeiramente, a mais grave é ter-se ambicionado dar, através do evento, uma visão panorâmica do desenvolvimento da escultura brasileira nos últimos 50 anos. Se diversos importantes escultores comparecerem, há, em contrapartida, uma série de ausências que impede desde logo a realização do objetivo na escala pretendida. Bastaria mencionar, dos mais antigos aos mais novos, os nomes de Lúlio Landucci, August Zamojski, Ernesto de Fiori, Honório Peçanha, Alfredo Ceschiatti, José Pedrosa, Liuba Wolf, Mary Vieira, Amílcar de Castro, Jackson Ribeiro, Frans Krajbeg, José Cláudio, Azevedo Maria Martins Monteiro e José Resende — pelo menos 14 artistas sem trabalhos na mostra — para perceber até que ponto o panorama está incompleto.

Além do mais, entre a meia centena exposta, são raras as obras que se destacam por sua qualidade intrínseca ou, sobretudo, pela adequação à escala de amostragem ao ar livre. No último caso, eu diria que os únicos exemplos verdadeiramente convincentes são as três peças de Weissmann, talvez também a *Vitória de Samotrácia* do paulista Caciopó Torres, e não esquecendo a *Moça Reclinada*, de Celso Antônio — embora uma menção favorável deva ser igualmente feita, pelo que valem em si mesmas, as obras de Victor Brecheret (*Vendedora de Frutas*), Sérgio de Camargo, Haroldo Barroso, Francisco Stockinger (*D Quixote*) e Felícia Leirner. Bem pouco, portanto, no conjunto reunido. Acrescenta-se que escultores do porte de Bruno Giorgi, Maria Martins e Lygia Clark (esta com um *Trepante*, em alumínio, arrumado entre xaxins como se fosse elemento de decoração de interiores) estão malissimamente representados ou exibidos, sem contar os equívocos de benevolência na inclusão de vários outros nomes. Não sei, por exemplo, que tipo de contribuição uma Melinda Garcia (quem será?) já terá dado à escultura brasileira dos anos 20 para cá.

Dai que toda cautela se torne necessária à apreciação crítica do panorama agora entregue na Praça Nossa Senhora da Paz. Se formos tomá-lo como de fato representativo da escultura no Brasil, ao longo do século XX, seremos obrigados a concluir que a produção neste campo consistiu e está ainda consistindo, sobretudo de uma queda inexorável no mal da estilização, do esvaziamento da linguagem pela aplicação de formas que apenas refazem, com mais ou menos jeito, o mundo natural ou as estruturas provenientes da prática cultural. E essas estilizações, orgânicas ou geométricas, parecem ser fatalidade não apenas entre os que dela nunca conseguem fugir — como Remo Bernucci, Mário Ormezzano, Maria Guilhermina, Celita Vaccari, Mário Agostinelli, Roberto Cidade, Bella Karawawa, Domenico Calabrone, Lúcia Fleury, Karoly Pichler, Roberto Moriconi e Clélia Cotrim — mas também, frequentemente, no que respeita a nomes de outro fôlego, como os próprios Giorgi e Stockinger, ou, ainda, Mário Cravo Júnior, Sonia Ebling, Vasco Prado e Yutaka Toyota.

Na verdade, o tipo de obra escolhida e o modo glamoroso de apresentá-la em praça pública terminaram acentuando bastante essa vocação estilizadora, raramente superada na escultura brasileira contemporânea — vocação, aliás, mais que nunca comprovada na figura humana de pernas e braços abertos que se transformou em logotipo do evento. Mesmo assim, não será justo negar o mérito fundamental da iniciativa, que foi o de trazer para a rua, para o contato coletivamente franco, uma série de elementos da expressão criadora humana que não costumam ser entregues à nossa vista e ao nosso tato de maneira tão imediata. Vamos, portanto, à praça. Por algum tempo, ela não é apenas das árvores, do lago, dos bancos, dos brinquedos, das barracas, das gentes — mas, igualmente, das esculturas.